

A COMUNICAÇÃO DE PAIS OUVINTES E FILHOS COM SURDEZ

Pesquisadora: Lidiane Helena Reinaldo Franco
Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Pazinato
Faculdade Teológica Batista de São Paulo
Departamento de Pós-graduação em Aconselhamento
Eixo Temático: Teologia Prática: Aconselhamento
Categoria: Comunicação oral

Após o diagnóstico de surdez, os pais necessitam ser encaminhados para programas de reabilitação. A família precisa de orientações sobre seu papel no desenvolvimento da linguagem e das habilidades auditivas da criança, bem como a função dos profissionais da reabilitação e da educação dos surdos (médico otorrinolaringologista, fonoaudiólogo, psicólogo, pedagogos, professor surdo e assistente social). Segundo Goldfeld (2002) :

É fundamental que a família, recebendo apoio dos profissionais e de preferência também da comunidade surda, empenhe-se em aprender a LIBRAS. A família deve entender que seu filho necessita, a todo momento, estar dialogando, recebendo informações e carinho para poder desenvolver-se de forma satisfatória. (GOLDFELD, 2002, p. 167)

De acordo com Bernardino (2000, p.36): “O diagnóstico de um bebê surdo, para qualquer pai que não seja surdo, é um processo inesperado e difícil, pois todos nós esperamos que nossos filhos se pareçam conosco, na melhor das intenções.” Vale ressaltar que o diagnóstico tardio pode comprometer e prejudicar a imersão do surdo nem sua língua natural.

A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), é o meio de comunicação da pessoa surda com perda auditiva profunda, visto que, se constitui em uma língua viso-espacial adquirida naturalmente por essa população. Também sua aquisição promove o desenvolvimento cognitivo – linguístico – emocional paralelo ao verificado na criança ouvinte, bem como a construção de uma autoimagem positiva do sujeito como indivíduo surdo. Os surdos podem comunicar-se através da língua de sinais ou da língua oral. Faz necessário ressaltar que nem todo surdo é mudo e por isso não é correto utilizar o termo “surdo-mudo”.

A língua de sinais tem um valor importantíssimo; é ela que possibilita seu relacionamento com o mundo surdo e com o ouvinte; é a língua através da qual expõe naturalmente suas emoções. (BERNARDINO, 2000,p.30)

Gesser (2009), esclarece que a língua de sinais não é universal, verificamos que é comum as pessoas pensarem que os surdos falam a mesma língua no mundo todo, mas isto não ocorre. Afinal cada país tem sua língua

específica, podendo em alguns países apresentar mais que uma língua. Em qualquer país onde houver surdos, encontraremos línguas de sinais.

Segundo a legislação vigente, LIBRAS constitui um sistema linguístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas com deficiência auditiva do Brasil, na qual há uma forma de comunicação e expressão, de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria. A língua e a cultura estão interligadas, quando alguém sinaliza, expõe, simultaneamente sua cultura, o mundo em que vive e experimenta. Para o bom desenvolvimento da criança surda, a mesma deve ter contato com a língua de sinais o mais cedo possível, preferencialmente com surdos adultos, garantindo assim sua apropriação da linguagem e o conhecimento da prática significativa.

Ausgusburger (1993), diz que “a medida de uma família sadia é o seu interesse igual em cada membro. A medida de uma comunidade sadia é a eficácia de seus canais de comunicação em garantir que cada pessoa seja ouvida de maneira igual.” Para compreender melhor o outro, é preciso escutá-lo, dando a devida atenção a sua necessidade, mesmo que para entendê-lo seja preciso o uso da comunicação em sinais, onde se diz que ouvimos com os olhos.

Podemos observar que alguns pesquisadores, como Sacks (2002) e Skiliar (1997), apresentam que os pais devem aprender a língua de sinais. Reforçando que no momento em que os pais descobrem a surdez do bebê, a comunicação oral, não deve ser interrompida, visto que os pais não devem sentir que a surdez lhes impõe ruptura com seu filho, entendendo que estes ficam sentidos pós o diagnóstico.

Temos a comunicação como ferramenta que diferencia os homens dos animais. Se por alguma razão uma pessoa não consegue se comunicar, torna-se alheia, mesmo estando em contato com a comunidade onde vive e poderá vir a ser excluída da sociedade. Através da comunicação os indivíduos conseguem passar para suas gerações o que aprenderam e desta forma as gerações futuras são capazes de melhorar o que foi deixado, possibilitando ao mundo maior desenvolvimento. Podemos entender que a comunicação pode apresentar variações de acordo com o ambiente em que vive o indivíduo. As pessoas são formadas através do aprendizado do meio familiar, social, reconhecendo que se pessoa não se comunica, não é capaz de se associar com os seus iguais.

A estimulação para a aquisição da Língua Brasileira de Sinais poderá ocorrer na escola, nos casos em que a criança inicie os estudos na idade adequada, que seria a de zero aos três anos de idade, a criança passará por todo o processo de estimulação com profissionais surdos e ouvintes habilitados para tal.

As crianças surdas precisam ser postas em contato primeiro com pessoas fluentes na língua de sinais, sejam seus pais, professores ou outros.

Assim que a comunicação por sinais for apreendida - e ela pode ser fluente aos três anos de idade, tudo então pode decorrer: livre intercuro de pensamento, livre fluxo de informações, aprendizado da leitura e escrita e, talvez, da fala. Não há indícios de que o uso de uma língua de sinais iniba a aquisição da fala. (SACKS, 1998, p.56).

O objetivo da estimulação para a aquisição da LIBRAS é propiciar às crianças surdas o desenvolvimento espontâneo da LIBRAS, como forma de expressão lingüística, de comunicação interpessoal e como suporte do pensamento e do desenvolvimento cognitivo. As pessoas com surdez / deficiência auditiva necessitam de estimulação especial em seu ambiente familiar, pois necessitam que, em todas as situações em que ocorram a conversação também sejam esclarecidas a eles. Há ocasiões em que a família está reunida na sala ou a mesa de jantar e por serem ouvintes, estão interagindo e o surdo acaba ficando sem este retorno da família, uma piada, algo engraçado, ou algum assunto triste, o surdo estará no aguardo de alguém que lhe transmita o assunto abordado.

Quando a família visa que o surdo não fique alheio aos fatos, eles buscam a interação com o indivíduo, pois o aceitam como integrante desta família. Pais ouvintes necessitam ter o conhecimento da língua de sinais a fim de tratar seu filho com igualdade, não excluindo de eventos e ou atividades. A integração dos pais e familiares com esta nova língua possibilitará a criança a ampliação de seus conhecimentos, o desenvolvimento e interação em diversos sistemas sociais. Podendo ter acesso a comunidade surda e a comunidade ouvinte.

Segundo Goldfeld (2002), o bilinguismo é a melhor opção educacional para a criança surda, pois a expõe a uma língua de fácil acesso, a língua de sinais, que pode evitar o atraso de linguagem e possibilitar pleno desenvolvimento cognitivo, além de expor a criança à língua oral que é essencial para seu convívio com a comunidade ouvinte e com sua própria família. De acordo com Poujol (2005),

Entrar em contato com nossos semelhantes, ouvi-los e conversar com eles é uma necessidade e que isto já está presente na vida do ser humano desde criança, pois ele afirma: "A criança para poder se desenvolver deve se ligar aos outros" chegando a afirmar que "A sobrevivência da criança, e mesmo do adulto depende de seus relacionamentos. Uma criança sem contato humano definha, afunda na psicose e morre.(POUJOL, 2005,p.30)

O primeiro relacionamento da criança começa na família, com seu pai, mãe e irmãos. É dentro da família que aos poucos vai se formando uma estrutura de relacionamentos, que vai servir de base e modelo por toda a sua vida.

Considerando que há muito para se conhecer sobre a comunicação através do uso da língua de sinais, a pessoa do conselheiro será de grande impor-

tância, visando orientar os familiares quanto a criarem um ambiente agradável e favorável para a aceitação, aprendizado e participação junto ao filho que necessita da comunicação na Língua Brasileira de Sinais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao propor este estudo, foi realizado um trabalho com o intuito de facilitar a comunicação em sinais. Entendendo que a LIBRAS é o meio de comunicação da pessoa surda, constituindo uma língua viso-espacial. Temos a comunicação como base fundamental para atingirmos o desenvolvimento que se inicia em família e posteriormente na vida em sociedade.

Ao realizar a pesquisa de campo, observou-se que alguns surdos não sabiam a causa de sua surdez, alegando que teriam que perguntar para a mãe, outros sinalizaram que nunca foram informados por sua família sobre este assunto.

Nos dados apresentados na questão 12, referente a quem foi o familiar que aprendeu a língua de sinais para desenvolver a comunicação com os surdos, houve quem respondesse que ninguém se interessou, outros sinalizaram que em casa, com a família precisavam fazer uso apenas da língua oral, leitura labial, pois alguns pais não aceitavam o uso de sinais em casa.

Verificou-se através do levantamento de dados constar 62 pais ouvintes participantes, obtivemos 57 que aceitam o uso da língua de sinais para seus filhos, porém em outra questão os 62 pais assinalaram 104 pessoas que aprenderam sinais para se comunicarem com seus filhos, no resultado temos 9 pais e 27 mães, destacando também a quantidade de 26 irmãos.

Em relação aos dados apresentados no questionário dos Filhos Surdos temos 80 colaboradores, estes assinalaram que 52 pais aceitam o uso da língua de sinais, 23 não aceitam e 5 não responderam. Os 80 surdos assinalaram que 142 pessoas aprenderam sinais para poderem se comunicar em LIBRAS, dentre estas 7 pais e 16 mães, contando com número expressivo de 39 irmãos.

Diante dos resultados vemos a importância do Conselheiro, frente à demanda de pais que apresentam aceitação da língua de sinais, mas não a utilizam como meio de comunicação com seus filhos. Porém, não temos nesta pesquisa como mensurar as causas da falta de aprendizagem.

Collins (1999), apresenta que é importante que o conselheiro esteja familiarizado com recursos da comunidade e que tenha contatos com profissionais onde os aconselhados possam ser encaminhados, incluindo médicos, advogados, psiquiatras, psicólogos, psicopedagogos, fonoaudiólogos e outros conselheiros. O conselheiro eficaz é bem sucedido, não somente por sua orientação ou técnicas teóricas, observa-se que sua empatia – trazendo proximidade ao aconselhando, podendo procurar ver e entender o problema através do

ponto de vista do ajudando. Apresenta calor que traduz amabilidade e consideração, através do modo de olhar, do tom da voz, da postura, podendo demonstrar que me importo com sua situação. O autor também pontua a autenticidade, onde o ajudador está consciente de seus valores e atitudes, é honesto em suas declarações ou comportamentos.

Propõe-se a viabilidade de encaminhá-los ao contato com associações de surdos, com pais que já vivenciaram a experiência de ter filhos surdos, informações por meio de literaturas, palestras sócio-educativas, contatos com a rede social, locais que ofereçam curso de LIBRAS, bem como acesso a comunidade e a cultura surda, proporcionando aos pais e aos filhos surdos a acessibilidade e possibilidade da comunicação e através da língua de sinais, respeitando as diferenças culturais, buscando o desenvolvimento psico-social do indivíduo surdo.

(...) Cada aconselhando é único - com problemas, atitudes, valores, expectativas e experiências peculiares. O conselheiro (cujos problemas, atitudes, valores expectativas e experiências pessoais são também parte das situações de aconselhamento) deve abordar cada indivíduo de modo um pouco diferente e descobrirá que o curso do aconselhamento irá variar de pessoa a pessoa. (COLLINS, 1995, p.24)

Vale ressaltar que a análise dos dados coletados, foram os relevantes para as práticas de aconselhamento. Optou-se por organizar os dados e proceder a recortes epistemológicos e relevantes a questão norteadora da pesquisa. Entendeu-se que os dados estão disponíveis para outros tipos de recortes e análise que podem ser utilizados para produção científica futura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIENS, Marco Antônio. Oficina Básica – Interprete e comunique-se através da Linguagem Corporal Expressiva. Oficinas de Treinamento para Intérpretes das Linguagens de Sinais: Paraná, 2007.p.Mimeografado.

BERNARDINO, Elidéia Lúcia. Absurdo ou lógica? Os surdos e sua produção lingüística. Belo Horizonte: Ed. Profetizando Vida, 2000

CAMACHO, Suzy : Guia prático dos pais. Coleção Psicologia familiar. 1ª Edição. São Paulo: Ed. Paulinas, 2007

CAPOVILLA, C.F. e RAPHAEL, W.D. Enciclopédia Ilustrada Trilingüe – Língua Brasileira de Sinais. Vol. I e II. São Paulo: Ed. São Paulo, 2001

COLLINS, Gary R. Aconselhamento Cristão: Tradução Neyd Siqueira. 8ª. Reimpressão. São Paulo: Ed. Vida Nova, 1999

FERNANDES, Eulalia (org). Surdez e bilingüismo. 2ª. Edição. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2008

GOLDFELD, Márcia. A criança surda. Linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista. 3ª. Edição. São Paulo: Ed. Plexus, 2002

HESSELGRAVE, David J.. A comunicação Transcultural do Evangelho. Comunicação, Estruturas Sociais, Mídia e Motivação. Volumes 1e 3. Tradução de Robison Malkomes e Antivan Guimarães Mendes. São Paulo: Vida Nova, 1996

- MOLOCHENCO, Silas. Curso Vida Nova de Teologia Básica: Aconselhamento. São Paulo: Ed. Vida Nova, 2008
- MORAL, Janaina Sílvia. Quebrando o silêncio: um breve documentário sobre o mundo dos surdos. Sorocaba. Ed. Ottoni, 2005
- MOURA, MC.C.; VERGAMINI, A. Antonialli Sabine e CAMPOS, L.R. Sandra – Educação para Surdos : Práticas e Perspectivas. 1ª. Edição. São Paulo: Ed.Santos, 2008
- POUJOL, Jacques & Claire. Os conflitos. Trad. Adriana de Oliveira e Frank de Oliveira. São Paulo: Ed. Vida Nova, 2005
- QUADROS, R.M. & KARNOPP, L.B. Língua de Sinais Brasileira – Estudos Linguísticos. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2004
- SACKS, Oliver W. Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos. Tradução Laura Teixeira Mota. Tradução Laura Teixeira Mota. São Paulo: Ed.Companhia das Letras, 2002
- SANTOS, Hugo N.. Dimensões do cuidado e aconselhamento pastoral – Contribuições a partir da América Latina e do Caribe. São Paulo: ASTE; São Leopoldo, RS: CETELA, 2008
- SILVA, Angela Carrancho e NEMBRI, Armando Guimarães. Ouvindo o silêncio. Surdez, linguagem e educação. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2008
- Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC. Estudos da Tradução III. Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Werner Heidemann. Ed. C/UFSC. Florianópolis, 2009